

A DESINFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE PSEUDOMEMÓRIAS LGBTQIAP+

Desinformation in the Construction of LGBTQIAP+ Pseudomemories

La Desinformación en la Construcción de Pseudomemorias LGBTQIAP+

Luís Carlos da Silva¹
Karla Cristiane de Oliveira Marcone²
Geysianne Felipe do Nascimento³
Fellipe Sá Brasileiro⁴
Edvaldo Carvalho Alves⁵

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i29.14921

Resumo: Este artigo examina como as *fake news* podem reforçar o contexto desinformativo e contribuem para a criação de pseudomemórias LGBTQIAP+. Com uma abordagem qualitativa e exploratória, foram coletadas 29 *fake news* nas páginas de *fact-checking* Agência Lupa e Aos Fatos, que caracterizam os sujeitos LGBTQIAP+ pejorativamente. O método utilizado foi a análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que as informações falsas criam narrativas distorcidas que colaboram com a formação de pseudomemórias sobre esses sujeitos.

Palavras-chave: Desinformação. *Fake news*. Pseudomemória. LGBTQIAP+.

Abstract: It analyzes how fake news reinforces the disinformation context and contributes to the creation of LGBTQIAP+ pseudo-memories. Using a qualitative and exploratory approach, 29 fake news were collected on the fact-checking pages Agência Lupa and Aos Fatos, which characterize LGBTQIAP+ subjects pejoratively. Data analysis was done through content analysis. The results demonstrated that fake news creates distorted narratives that contribute to the formation of pseudo-memories in these individuals..

Keywords: Disinformation. Fake news. Pseudomemory. LGBTQIAP+.

Resumen: Analiza cómo las noticias falsas refuerzan el contexto de desinformación y contribuyen a la creación de pseudomemorias LGBTQIAP+. Con enfoque cualitativo y exploratorio, se recopilaron 29 noticias falsas en las páginas de verificación Agência Lupa y Aos Fatos, que caracterizan de manera peyorativa a los sujetos LGBTQIAP+. El análisis de contenido de los datos demostró que estas noticias falsas generan narrativas distorsionadas que contribuyen a la formación de pseudomemorias en estos sujetos.

Palabras-clave: Desinformación. Noticias falsas. Pseudomemoria. LGBTQIAP+.

¹ Doutorando em Ciência da Informação; Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba; Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, Brasil. luiscarlosilva.lcs@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-7958-4915>.

² Mestranda em Ciência da Informação; Universidade Federal da Paraíba João Pessoa - PB, Brasil. karlarp.ip@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-0612-0922>.

³ Doutoranda em Ciência da Informação; Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, Brasil. geysiannefelipe11@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-9624-4653>.

⁴ Doutor em Ciência da Informação; Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, Brasil. fellipesa@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-1158-8909>.

⁵ Doutor em Ciências Sociais; Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, Brasil. edvaldocalves@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-9484-2097>.

Introdução

A hipercirculação de informações descontextualizadas e distorcidas nas redes sociais digitais cria um cenário preocupante para a coesão social, caracterizado atualmente pela incerteza informacional (Brasileiro, 2019), na medida em que dificulta a organização de práticas comunicativas estáveis, ou seja, de bases referenciais para o curso das atividades inerentes à coexistência humana. O conceito de desinformação é útil para ilustrar os mecanismos e os desdobramentos deste processo informacional, uma vez que, na perspectiva ecossistêmica, abarca os tipos de conteúdo, as motivações de sua produção e seus modos de disseminação (Wardle & Derakhshan, 2017). Nessa perspectiva, a noção de informação já não é suficiente para atestar a verdade, pois outros elementos, a exemplo do “excesso de comoção e aderência a sentimentos e afetos ao invés da razão” (Brisola & Bezerra, 2018, p. 3321), determinam a sua valoração.

Considerando que as práticas comunicativas e de informação “são ativas na construção da cultura e do conhecimento e representam um substrato imprescindível ao agir de cada sujeito nesse processo” (Gomes, 2016, p. 104), a desinformação, quando escalada e com fins de gerar rupturas, torna-se capaz de distorcer o conhecimento individual e coletivo sobre questões que atravessam as lutas sociais de um momento histórico, reconfigurando as memórias coletivas que as justificam e as fundamentam. Isto é, produz as pseudomemórias, conceito que se refere ao “registro e preservação de supostas verdades, que carregam em si intenções de desinformar, de maneira que seu teor informacional é permeado por ideologias, crenças, portanto, valores simbólicos” (Sousa et al., 2020, p. 758). No período da Covid-19, por exemplo, a ocorrência de *fake news* sobre saúde acarretou consequências preocupantes ao constituir referenciais baseados em registros de informações falsas, os

quais, por sua vez, contribuíram para a formação de falsas memórias nos indivíduos (Sousa et al., 2020).

Pseudomemórias podem ser observadas também em relação aos grupos sociais minoritários, que sofrem com a reprodução de estereótipos, a exemplo da comunidade LGBTQIAP+ (Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transgênero e Transexual, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual) e outras identidades de gênero e sexuais representadas pelo sinal de mais (+), que divergem da heteronormatividade (Silva et al., 2023), tornando-os deslegitimados pela sociedade quanto à importância de suas lutas e interesses.

Entendendo a importância do aprofundamento do debate acerca dos fenômenos informacionais que tangem a comunidade LGBTQIAP+, importa compreender de que modo o fenômeno da desinformação, atrelado às *fake news*, contribui para a construção de pseudomemórias que impactam o cotidiano de sujeitos LGBTQIAP+. Este artigo objetiva analisar como as *fake news* reforçam o contexto desinformacional e contribuem para a criação de pseudomemórias de sujeitos LGBTQIAP+, reforçando pensamentos discriminatórios e perigosos à promoção de seus direitos.

Desinformação e *Fake News*

O advento da desinformação na sociedade evidencia que não há preocupação em diferenciar verdades de não verdades nos conteúdos voltados para o alcance dos objetivos particulares, principalmente quando estes objetivos dependem da desqualificação dos interesses e posições de indivíduos que representam grupos diferentes e/ou desiguais. Neste processo, “perde-se a memória e a identidade, pois o indivíduo reflete o todo, a consciência hegemônica projetada no eu” (Brisola, 2017, p.

417). Diante disso, portanto, “é necessário evitar a banalização da verdade e a recepção natural de notícias falsas, apenas porque reforçam suas opiniões e crenças particulares” (Tobias & Corrêa, 2019, p. 573).

Desantes *apud* Torres Vargas e Fernandez Bájon (2019, p. 3) afirmam que “não há informação se não há verdade. A informação falsa é uma corrupção da informação e, conseqüentemente, é pior que a falta de informação; além disto constitui a violação mais grave do direito à informação”. Assim, a desinformação se torna algo que inviabiliza o progresso informacional do indivíduo, reverberando no nível coletivo, na interpretação da realidade, nas regras e nos acordos de convivência. Esse fenômeno é o vírus do século XXI, que influencia negativamente o conhecimento dos indivíduos (Boarini & Ferrari, 2020).

Embora não seja um fenômeno recente, o problema da desinformação, *fake news* e pós-verdade ganhou mais notoriedade na mídia contemporânea a partir de 2016 com as eleições presidenciais dos Estados Unidos. No Brasil, ganhou destaque após 2018, com as eleições presidenciais, e em 2020, com a pandemia da Covid-19 (Boarini & Ferrari, 2020), revelando a organização de ambiências de incertezas informacionais (Brasileiro, 2019), nas quais os indivíduos e grupos minoritários, a exemplo da população LGBTQIAP+, se deparam com a relativização da verdade em sua vida prática. Nas eleições de 2022, por exemplo, circularam *fake news* relacionadas ao “Kit Gay”, marco negativo das eleições de 2018, para disseminar falsas narrativas sobre as pessoas LGBTQIAP+ (Marzullo, 2022).

O fenômeno da desinformação pode ser entendido como o intuito de induzir a um erro, ato de desinformar sobre algo, isto é, “[...] envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada,

retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde. [...] não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade” (Brisola & Bezerra, 2018, p. 319). Assim sendo, um meio de moldar a opinião pública.

É importante mencionar que as *fake news*, termo que se pôs em maior evidência e que em muitos casos caracteriza uma desinformação têm como importante característica a sua intencionalidade, ou seja, são criadas com a intenção de causar engano e estão a todo momento sendo disseminadas nas redes sociais digitais (Paganotti, 2021), ambientes de que os usuários se utilizam cada vez mais para reproduzirem suas crenças e verdades. Todavia, segundo Campos (2018) as repercussões advindas das notícias falsas afetam tanto o produtor destas “verdades” como também quem as emprega.

Brisola e Bezerra (2018) salientam que, na produção e circulação das *fake news*, uma das principais motivações, juntamente com o lucro financeiro, é a questão ideológica. Em suas palavras:

peças que acreditam em uma determinada ideologia e querem atrapalhar, humilhar, desacreditar etc. o ‘outro lado’, ‘ajudando’ assim o ‘seu lado’. Em um ciclo vicioso, sustentado pela polaridade alimentada pelos algoritmos e facilitada pelas redes digitais com suas bolhas e câmaras de eco, a ideia de uma supremacia ideológica justifica o uso de fake news como meio aceitável para um fim legítimo (Brisola & Bezerra, 2018, p. 3326).

Nesse cenário, as *fake news* fortalecem discursos opressores, discriminatórios e preconceituosos, que moldam os valores sociais e intensificam uma sociedade cada vez mais desigual. Assim, nota-se que algo que sempre existiu se tornou exponencial no contexto de uma sociedade hiperinformada.

A pós-verdade reforça o que a desinformação e o advento das *fake news* proporcionam para a sociedade, isto é, uma sociedade que, ao longo do tempo, tem sua memória sendo permeada pela

proliferação de notícias falsas e questionamento das informações verídicas. Vale ressaltar que “as ‘fake news’ estabelecem uma relação com a pós-verdade quando há negligência em relação às informações verdadeiras” (Tobias & Corrêa, 2019, p. 571), ampliando o processo do fenômeno da desinformação.

Por pós-verdade entende-se, com base na conceituação do dicionário de Oxford, o qual nomeou-a em 2016 a palavra do ano, como sendo “um adjetivo definido como referente a circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que o apelo à emoção e à crença pessoal”, em suma, este conceito seria de certa forma a superação da relevância da verdade (Oxford Dictionaries, 2016). Desse modo, no contexto da pós-verdade, os indivíduos apenas acreditam em suas próprias opiniões e crenças.

Como ressaltado anteriormente, as redes sociais digitais tornaram-se espaços para que esses fenômenos se propaguem cada vez mais. Torres Vargas e Fernandez Bájón (2019) afirmam que isso se deu devido ao excesso de informações que os indivíduos estão a todo momento tendo, o que implica que não conseguem filtrar precisamente as informações e como na maioria das vezes refletem os seus ideais, consomem e compartilham sem ao menos pensar sobre a veracidade das informações.

Logo, a partir de construções informacionais falsas ou distorcidas, os indivíduos que não viveram determinado período histórico acabam por criar suas memórias de modo equivocado ou intensificam preconceitos contra grupos minoritários. O eco das bolhas desinformativas contribui para a reprodução e confirmação do viés informativo consumido, reafirmando para estes indivíduos e grupos a noção de verdade que convém ou que atende a interesses morais, políticos ou econômicos. Conforme Boarini e Ferrari (2020, p. 42), “as bolhas e, respectivamente, seus membros têm suas preferências e conexões facilmente escaneadas, o que colabora para alimentar a dinâmica de gatilhos das emoções”. Isto é

especialmente perigoso, pois essas pseudomemórias se não combatidas vão sendo cristalizadas como verdade absoluta em determinado segmento social.

Pseudomemória e a População LGBTQIAP+

A sociedade enquanto constituída por grupos de indivíduos que atuam coletivamente, trabalhando de modo cooperado, visando alcançar o desenvolvimento em suas diversas vertentes (Rivera-Vargas, 2018), está sujeita à relação com o próprio tempo, construindo similaridades e distanciamentos temporais e geracionais, vivenciando, assim, o contemporâneo, conforme elaboração de Agamben (2009). Desse modo, o próprio contexto desinformativo vivenciado na contemporaneidade é moldado socialmente de modo coletivo em um pacto de representação baseado em pressupostos hegemônicos e excludentes.

Oliveira e Colpo (2021) argumentam que um cenário ideal seria construído a partir da contextualização entre a realidade e as significações dos sujeitos; dessa forma, relacionam as desigualdades sociais às capacidades de uso da informação, considerando que esta relação gera uma desordem, o que promove uma transgressão à informação. Assim, a desinformação apresenta-se como uma dessas formas de desordem da informação, visto que “o consumo de notícias e informações pelas pessoas é, antes de tudo, uma forma de reafirmar a sua afinidade com uma narrativa dramática mais ampla sobre o mundo e o seu lugar nele, e transcende fatos e números” (Wardle & Derakhshan, 2017, p. 77).

Na sociedade da informação em que “a informação flui em velocidades e em quantidades há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais” (Takahashi,

2000, p. 3), modificando as relações sociais e as formas de comunicação, transferindo a materialidade do mundo físico para o virtual (Silva et al., 2022) e ocasionando com isso distorções no fluxo informacional e comunicacional a partir de elementos culturais, simbólicos e imaginários, com o intuito de fortalecer posições de poder e privilégios (Colpo et al., 2022), é possível perceber que todas estas complexidades afetam também a construção das memórias de indivíduos e grupos na sociedade que podem fomentar a constituição dos referenciais de memória (Sousa et al., 2020).

A memória pode ser entendida como “a capacidade de representação, no presente, dos fatos e experiências passadas”. Ela é construída com base nas experiências e significados partilhados pelos atores sociais, mas também compõe estruturas estruturantes (Bourdieu, 2009 apud Jorente et al., 2015, p. 122) “dos discursos, das ações e políticas futuras que terão nestas suas tradições e fundamentos” (Jorente et al., 2015, p. 122). Dessa maneira, parafraseando os autores, sem a memória, no processo informacional e comunicacional presente não haveria possibilidade de produção, pois não haveria significação, bem como não haveria o reconhecimento das coisas que permeiam a sociedade no mundo.

A memória na contemporaneidade está sendo alimentada pela informação e comunicação, sobretudo digital e inserida progressivamente em um ambiente de desinformação, que direciona a sociedade a uma pseudomemória (falsa memória) como “registro e preservação de supostas verdades, que carregam em si intenções de desinformar, de maneira que seu teor informacional é permeado por ideologias, crenças, portanto, valores simbólicos” (Sousa et al., 2020, p. 758). Desse modo, a pseudomemória figura como um dos componentes que contribuem para o fortalecimento da desinformação, e que gradativamente pode vir a ser um referencial de realidade, levando-se em

consideração todo o contexto de incerteza e desordem informacional vivenciados, conduzindo mais adeptos a um pensamento distorcido que reproduz as pseudomemórias compartilhadas em determinado grupo social.

Sousa et al. (2020) nos trazem a compreensão da memória como a matéria prima do conhecimento e da objetividade narrada e construída a partir do sujeito, portanto a construção da realidade se apropria das crenças e percepções do sujeito em suas narrativas, que de acordo com as autoras “existem coisas que aconteceram, e outras que não; mas os fatos, reais ou inventados, influenciam a nossa percepção e opinião” (Sousa et al., 2020, p. 757). Se o compartilhamento de desinformação acarreta a construção de pseudomemórias que, por sua vez, repaginam e reforçam pilares preconceituosos de uma sociedade, a exemplo do discurso discriminatório contra pessoas da comunidade LGBTQIAP+, a desinformação atrelada a pseudomemória tem o potencial danoso de violação dos Direitos Humanos.

Diante disso, observa-se um cenário propenso à marginalização e invisibilização de sujeitos LGBTQIAP+, pois o modelo heteronormativo apresenta como norma a heterossexualidade, negando as diferentes formas de representação dos corpos dos sujeitos no cotidiano (Silva, 2022). Logo, a partir da pseudomemória, ao se estabelecer na sociedade, esse modelo pode criar um ambiente propício para a disseminação e perpetuação de narrativas distorcidas, crenças infundadas e ideias manipuladas em relação a esses indivíduos.

As informações falsas ou deturpadas se tornam parte do arcabouço coletivo, distorcendo o entendimento da história, dos fatos e das questões sociais. A partir do registro e preservação de falsas verdades, as narrativas fictícias emergem como agentes capazes de proporcionar novas construções

da objetividade (Sousa et al., 2020). Isso influencia os indivíduos, que passam a referenciar fatos a partir de suas memórias, através de elementos reais ou não como fruto do processo de desinformação.

Essa dinâmica complexa revela como as interpretações individuais, influenciadas por narrativas reais ou não, contribuem para a formação de perspectivas sobre eventos passados e, por conseguinte, afetam a compreensão presente e futura desses acontecimentos. Para ilustrar tal situação, tem-se o caso do ex-atleta do vôleibol masculino Gilberto Amauri Godoy Filho (Giba), que em 2021 utilizou-se de uma *fake news* de 2008, a qual foi desmentida pelas páginas de *fact-checking* E-farsas e Boatos.org em 2018, objetivando endossar o preconceito e a discriminação em relação às pessoas trans. A narrativa da *fake news* se baseava na história de uma lutadora que, ao enfrentar uma adversária trans, veio a óbito (Silva et al., 2023). Tal fato nunca aconteceu, mas a sua utilização demonstrou o potencial das informações falsas enredando estereótipos negativos frente à população LGBTQIAP+.

Percurso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa na medida em que busca compreender os significados, perspectivas e contextos sobre o fenômeno estudado (Minayo, 2009), e exploratória quanto aos objetivos (Gil, 2008; Bufrem & Alves, 2020), uma vez que são escassos os estudos acerca da relação entre desinformação e pseudomemória no contexto LGBTQIAP+. Deste modo, é possível a formulação de hipóteses a partir dos resultados.

Foram selecionadas as seguintes páginas de *fact-checking*: Aos Fatos e Agência Lupa, a fim de entender a formação das pseudomemórias (falsas memórias) sobre a vivência dos sujeitos LGBTQIAP+ a partir do processo de desinformação. A escolha destas deu-se pela credibilidade e transparência na

busca de informações e na verificação das informações falsas. Na busca das *fake news* utilizaram-se as seguintes palavras-chave: “LGBT+”, “LGBTQIA+” e “LGBTQIAP+”, tendo em vista que a sigla passa por alterações com a finalidade de visibilizar grupos. Os critérios de seleção de inclusão deste estudo foram baseados nas notícias falsas sobre o contexto de pessoas LGBTQIAP+ e verificadas por uma das páginas de *fact-checking* estabelecidas para a pesquisa. Os critérios de exclusão foram: notícias duplicadas e notícias que não tinham como foco sujeitos LGBTQIAP+. Foi estabelecido o limite temporal de janeiro de 2022 a outubro de 2023, visando compreender quais informações falsas na atualidade permeiam o cotidiano de sujeitos LGBTQIAP+.

Utilizou-se a análise de conteúdo para analisar as *fake news*. Para Bardin (1977) o método corresponde a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (...) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (...) dessas mensagens (Bardin, 1977, p. 42), o qual é dividido em etapas: organização, codificação, categorização e inferência.

Na etapa de organização, coletou-se *fake news* registrando a fonte informacional, a data de publicação, o título e uma breve descrição do conteúdo. Já na codificação, utilizaram-se as informações fornecidas pelas páginas de *fact-checking*, visando assim alcançar o objetivo proposto. Por sua vez, na categorização, agruparam-se as informações na elaboração de categorias temáticas. Por último, na etapa de inferência, deu-se a interpretação dos dados.

Análise dos Resultados e Discussões

Nesta seção são apresentadas as *fake news* disseminadas sobre a população LGBTQIAP+ no Brasil, durante o período de janeiro de 2022 a novembro de 2023, de acordo com checagens feitas pelas plataformas de *fact-checking* Agência Lupa e Aos Fatos. Ao todo, foram observadas e categorizadas 29 (vinte e nove) *fake news*, conforme mostra o Quadro 1.

QUADRO 1
Relação de *fake news* sobre a população LGBTQIAP+

Notícia ⁶	Checagem	Fonte	Ano	Categoria
É falso que Globo e Correios criaram campanha com 'Papai Noel gay'	Notícia falsa	Agência Lupa	2023	Crianças
É falso que STF aprovou resolução para implementar banheiros unissex nas escolas	Notícia falsa	Aos Fatos	2023	Educação Crianças
Cenas de repressão a ato LGBTQIAP+ na Ucrânia circulam nas redes como se mostrassem marcha pró-Hamas	Notícia falsa	Aos Fatos	2023	Violência
É falso que Lula instituiu banheiros unissex em escolas	Notícia falsa	Agência Lupa Aos Fatos	2023	Educação Crianças Política
É falso que Ministério da Saúde autorizou intervenção para mudança de sexo a partir de 14 anos	Notícia falsa	Agência Lupa	2023	Saúde
ONU não disse que cristãos que não aceitem ideologia de esquerda serão expulsos da sociedade	Notícia falsa	Aos fatos	2023	Religião
ONU não pediu que governos 'forcem' religiões a aceitar 'agenda LGBT+'	Notícia falsa	Agência Lupa	2023	Religião

⁶ Para a categorização utilizou-se a ordem da sequência de busca: Agência Lupa e Aos Fatos. Quanto às notícias falsas que foram checadas por ambas páginas não houve variação no enunciado.

É falso que Escolas de Medicina dos EUA 'mutilam' e 'castram quimicamente' crianças trans	Notícia falsa	Agência Lupa	2023	Saúde
Inteligência artificial gerou fotos de crianças com roupas satânicas	Notícia falsa	Aos fatos	2023	Tecnologia Criança
Não é Flávio Dino a pessoa vestida de borboleta azul na Parada LGBTQ+ de SP	Notícia falsa	Agência Lupa Aos Fatos	2023	Política
É montagem homem vestindo camisa com a frase 'crianças trans são sexy'	Notícia falsa	Agência Lupa Aos Fatos	2023	Tecnologia Criança
Performance de 'Jesus Cristo' em vídeo não ocorreu na Parada do Orgulho LGBTQ+ de SP	Notícia falsa	Agência Lupa Aos fatos	2023	Religião
Colégio católico não foi multado em R\$ 500 mil por cartilha contra 'ideologia de gênero'	Notícia falsa	Agência Lupa	2023	Religião Criança
É falso que primeira mulher trans na Olimpíada deixou de competir após 'lesão no testículo'	Notícia falsa	Aos Fatos	2023	Violência
Governo da Bahia não criou 'mascote trans' para campanha de vacinação do estado	Notícia falsa	Aos Fatos	2023	Política Saúde
É falso que projeto de lei propõe criação de unidade especial LGBTQIA+ no Exército	Notícia falsa	Agência Lupa	2023	Mídia Política
É montagem notícia do G1 sobre vagas de estacionamento prioritárias para pessoas LGBT	Notícia Falsa	Agência Lupa Aos Fatos	2023	Mídia
Haddad não anunciou lançamento de 'Bolsa Travesti' no valor de R\$ 1,8 mil	Notícia falsa	Agência Lupa Aos fatos	2023	Política
Cena de filho cantando com pai é distorcida para associar pessoas LGBTQIA+ à pedofilia	Notícia falsa	Aos Fatos	2023	Tecnologia Crianças
Mulher trans agredida em vídeo não é petista nem estava no Qatar	Notícia falsa	Aos Fatos	2022	Violência Política

Propostas em santinho apócrifo não constam no plano de governo de Lula	Notícia falsa	Aos Fatos	2022	Política
É falso que beijo de meninas em escola na Paraíba foi promoção de 'doutrina LGBT'	Notícia falsa	Agência Lupa	2022	Educação
Tuítes atribuídos a Lula sobre fechamento de igrejas são falsos	Notícia Falsa	Aos Fatos	2022	Política
Tuítes de Lula com críticas ao cristianismo são montagens	Notícia falsa	Agência Lupa	2022	Política
Texto viral com nove 'propostas de Lula' traz informações falsas sobre programa do candidato	Notícia falsa	Agência Lupa	2022	Política
É falso que Marília Arraes prometeu adotar linguagem neutra e ideologia de gênero nas escolas de Pernambuco	Notícia falsa	Agência Lupa	2022	Política
É falso que ONU se declara inimiga da igreja cristã	Notícia falsa	Agência Lupa	2022	Religião
Performance erótica foi registrada em evento no Canadá, não em escola no Brasil	Notícia falsa	Agência Lupa Aos Fatos	2022	Crianças
Foto de outdoor anti-LGBTQIA+ foi registrada no Bahrein, não no Qatar	Notícia falsa	Agência Lupa Aos Fatos	2022	Violência

FONTE - Dados da pesquisa (2023)

No Quadro 1, as categorias temáticas para a análise das *fake news* foram elencadas da seguinte forma: política, saúde, religião, violência, educação, crianças, tecnologia e mídia. Após o processo de categorização foi observado o número de ocorrências de cada temática dentro do escopo das *fake news* circuladas, sendo as temáticas “política” e “criança” as de maior recorrência, seguidas pelas temáticas “religião” e “violência”. Levando em consideração o período pós-eleições de 2022, marcado pela construção de narrativas desinformativas, percebe-se que o conjunto de dados observado reflete este quantitativo expressivo da categoria “política”. Nesta categoria, observa-se uma deslegitimação de

um partido político ou candidato, com base nos possíveis danos que a comunidade LGBTQIAP+, vinculada a ele, poderia trazer à sociedade, já que as questões relacionadas às pessoas LGBTQIAP+ ainda são vistas como anomalias dentro do vigente modelo heteronormativo.

No que tange à percepção da sociedade sobre a comunidade LGBTQIAP+, é recorrente a construção de narrativas que colocam os membros desta comunidade em um lugar de erotização e demonização, que, em segunda análise, “levam perigo” e afrontam as bases da sociedade. Esta percepção fica bastante evidenciada na categoria “criança”, sendo a segunda mais citada. A infância simbolicamente representa inocência, vulnerabilidade e memória afetiva. A construção de discursos desinformativos acerca da infância tem um propósito claro de comover e mobilizar a opinião pública em uma dimensão sagrada, fato que potencialmente gera gatilhos e respostas imediatas, passionais, que se espalham com maior rapidez e contribuem para a cristalização de premissas falsas em grupos da sociedade.

Em relação às demais categorias mais citadas, “religião” e “violência”, nota-se que estas fazem relação direta com a construção de uma sociedade intolerante em relação à comunidade LGBTQIAP+. O discurso religioso é bastante presente e atrelado à legitimação da violência e da punição da comunidade, que é observado na narrativa construída pelas *fake news* observadas. Nesse sentido, as *fake news* são utilizadas para alimentar narrativas discriminatórias sobre pessoas LGBTQIAP+, o que dificulta ainda mais o diálogo inclusivo sobre esses sujeitos. Já na categoria violência, tem-se a LGBTQIAPfobia explícita, ancorada na propagação de estigmas e preconceitos que contribuem com os estereótipos negativos, podendo aumentar a vulnerabilidade desses sujeitos. Na matéria que a Agência Lupa apresenta sobre a *fake news* “Performance de 'Jesus Cristo' em vídeo não ocorreu na Parada do

Orgulho LGBTQ+ de SP” (Rômany, 2023), a manipulação de imagens fazia a ligação entre a performance de dois homens e um contexto religioso, distorcendo tanto o sentido quanto o contexto em que a foto foi produzida. Logo, as pessoas que possuem a religião enquanto valor passam a representar a população LGBTQIAP+ como uma ameaça coletiva.

Na categoria saúde, as *fake news* objetivam promover desconfiança sobre os cuidados em saúde para a população LGBTQIAP+, principalmente para a comunidade trans, com o intuito de construir uma crença patologizante da comunidade, reforçando a visão de pessoas não normais que devem ser combatidas, além de influenciar a não busca de apoio e cuidados com a saúde, e de estigmatizar os tratamentos para essas pessoas. No contexto da educação, elas retratam as pessoas LGBTQIAP+ de maneira prejudicial ao sistema de ensino, base fundamental para o convívio em sociedade. Na categoria tecnologia, por sua vez, distorcem as imagens para reforçar estereótipos negativos contra as pessoas LGBTQIAP+. Por fim, na categoria mídias, utilizam-se os veículos para confundir, visto que as redes sociais digitais são terreno fértil para a manipulação e contam com uma infraestrutura de regulação precária.

Tais categorias indicam que as *fake news* constroem a imagem de pessoas LGBTQIAP+ de forma pejorativa, preconceituosa e discriminatória, ampliando a estereotipização de seus corpos, expondo-os à hostilidade e à aversão social, visto que são considerados desviantes da norma social que situa a heterossexualidade como o padrão normatizador das sexualidades dos sujeitos, bem como impacta de forma negativa os espaços de sociabilidade (Silva, 2022), o que pode ser observado pela matéria da Agência Lupa em 2022, sob o título: “É falso que beijo de meninas em escola na Paraíba foi promoção de 'doutrina LGBT'” (Pereira, 2022), que busca esclarecer a *fake news* sob a narrativa de que

a escola atuava na promoção de doutrina LGBTQIAP+. O acontecimento tomou proporção e o advogado da instituição se posicionou de modo a negar que a escola estivesse promovendo a transexualidade das crianças. Neste exemplo, observam-se várias camadas relacionadas ao impacto que uma *fake news* nesse contexto pode causar, a saber: a criação imediata de uma barreira em relação à população LGBTQIAP+, que reforça os estigmas; assim como, ao se justificar em relação a não abordagem do assunto da ideologia de gênero na escola, o endosso ao discurso conservador, que forma um ciclo que se retroalimenta e promove preconceitos.

De acordo com Sousa et al. (2020), nossa percepção é influenciada por fatos, sejam eles reais ou inventados. De modo geral, a disseminação das *fake news* sobre as pessoas LGBTQIAP+ enraíza ideias baseadas no discurso do modelo heteronormativo e religioso, que situa esses sujeitos como seres abjetos (Silva, 2022). Como consequência, o contexto desinformativo sobre as questões LGBTQIAP+ é pautado pela informação falsa, que amplia a marginalização, o ódio e a discriminação social. Portanto, há um problema infocomunicacional no processo de construção de memórias relacionadas às pessoas LGBTQIAP+, uma vez que “a construção da memória é subsidiada pelos registros informacionais, que em alguns casos podem se tratar de inverdades. Assim, a constituição da memória passa a ser cristalizada em supostas verdades, com ausência de certezas, portanto, uma falsa memória” (Sousa et al., 2020, p. 757).

As supostas verdades, assim, construídas a partir de *fake news*, constroem para sujeitos LGBTQIAP+ realidades que são permeadas por ideologias, crenças e valores orientados pela estrutura de poder dominante, causando segregação e os demais problemas já relatados. Sem objeções, esses indivíduos enfrentam um mal com uma dimensão sem igual, que pode ainda mais invisibilizar sua

representatividade no eixo político, econômico, social e de saúde, pois amplia-se a construção de memórias distorcidas (as pseudomemórias) que moldam a percepção da realidade de uma maneira nociva para a memória coletiva de uma sociedade.

Contudo, as pessoas LGBTQIAP+, mesmo diante do fortalecimento das formas de invisibilização, “passaram a se unir e reivindicar seus direitos, pois passam a reconhecer que estão inseridos em disputas de valores, de poder e de comportamentos” (Silva, 2022, p. 34). À vista disso, na direção da reformulação desse cenário nos próximos anos, faz-se necessária a formulação de políticas que adotem práticas e discursos voltados à conscientização, à educação e ao respeito, visando construir uma sociedade consciente e capaz de lidar com tais desafios que situam os sujeitos LGBTQIAP+ em pseudomemórias. A identificação e o combate a estas construções desinformativas se revela essencial e urgente, uma vez que são capazes de fortalecer formações discursivas causadoras de impactos sociais que vão de encontro ao desenvolvimento sociocultural das comunidades e à coexistência humana.

Considerações Finais

Sem dúvida, ao longo da história, a disseminação de informações não verdadeiras gerou consequências destrutivas do ponto de vista ético, político e social. Nos dias atuais, são perceptíveis as causas e efeitos que trazem para a sociedade, na qual os indivíduos estão tornando-se vítimas dessa situação ou meros propagadores desse contexto. Neste artigo que teve como objetivo analisar como as *fake news* reforçam o contexto desinformativo e contribuem para a criação de pseudomemórias LGBTQIAP+, evidenciou-se como os sujeitos LGBTQIAP+ têm suas vivências permeadas por narrativas

desinformacionais que os situam de forma pejorativa, preconceituosa e discriminatória, reforçando estereótipos negativos sobre seus corpos. Consequentemente, eles são marginalizados na sociedade.

Nota-se, portanto, a partir dos resultados encontrados, a promoção da precisão e confiabilidade na construção do conhecimento, pois o impacto desinformacional que as *fake news* produzem é prejudicial ao processo de consolidação e fortalecimento do fluxo informacional e comunicacional em relação à população LGBTQIAP+, pois há a trivialização da verdade. Atrelado a isso, tem-se a pseudomemória, que impacta negativamente a percepção da sociedade perante esses indivíduos, contribuindo para preconceitos e discriminações.

Assim, diante do contexto da superinformação, que estejamos em alerta todo o tempo pois, como foi ressaltado, a desinformação molda os valores sociais. Logo, é necessário buscar estratégias de resiliência para essa situação, principalmente os profissionais de informação e da comunicação. Na atualidade, apresentam-se, como formas de estratégia para o enfrentamento desse cenário, a competência crítica em informação e a educação midiática, pois ambas contribuem para que os indivíduos compreendam, analisem e interpretem as informações no mundo virtual de forma crítica, ética e reflexiva.

Em contraponto ao caminho para a pseudomemória, é preciso empenho para criar uma sociedade em que os indivíduos tenham competência crítica informacional em atribuir, escolher e compartilhar informações verídicas. Em tempos de relativização extrema e ataque às instituições, símbolos e memórias que sustentam as democracias no mundo, é necessário um pacto social de promoção do letramento informacional crítico atrelado à recuperação das memórias estruturantes da história de um povo.

Referências

Agamben, G. (2009). *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos.

Araújo, C. A. Á. (2021). Pós-verdade: novo objeto de estudo para a Ciência da Informação. *Informação & Informação*, 26(1), 94-111.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Boarini, M., & Ferrari, P. (2020). A desinformação é o parasita do século XXI. *Organicom*, 17(34), 37-47.

Brasileiro, F. S. (2019). *Resiliência informacional em redes sociais virtuais: práticas colaborativas, emoções e mobilidade*. João Pessoa: Editora UFPB.

Brisola, A. C., & Romeiro, N. L. (2018). A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 14(3), 68-87.

Brisola, A. C. (2017). Um embate contemporâneo: informação, desinformação e competência em informação. In: *Anais XIII Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação*, Salvador, BA.

http://www.cinform2017.ufba.br/modulos/gerenciamentodeconteudo/docs/366_anais%2027_02_cinform.pdf.

Brisola, A., & Bezerra, A. C. (2018). Desinformação e Circulação de “Fake News”: distinções, diagnóstico e reação. In: *Anais XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Londrina, PR.

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/102819>.

Bufrem, L. S., & Alves, E. C. (2020). *A dinâmica da pesquisa em ciência da informação*. João Pessoa: Editora UFPB.

Campos, E. M. (2018). *La posverdad y las noticias falsas: el uso ético de la información*. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información.

Colpo, C. D., Brasileiro, F. S., & Oliveira, M. L. P. (2022). Organização e desinformação: uma reflexão crítica com base na resiliência informacional. En G. Kaplún, C. Arrueta, F. O. Paulino, D. Monje, M. Peret, T. Karam, E. Zunino, y S. Osses (Eds.), *La comunicación como bien público global: nuevos lenguajes críticos y debates hacia el porvenir (p. 2023)*. Buenos Aires: ALAIC/FADECCOS.

<https://alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/87>

Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas.

- Gomes, H. F. (2016). Comunicação e informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. In Morigi, V., Jacks, N., & Golin. C. (Eds.), *Epistemologias, comunicação e informação* (pp. 91-107). Porto Alegre: Sulina.
- Jorente, M. J. V., Silva, A. R., & Pimenta, R. M. (2015). Cultura, memória e curadoria digital na plataforma SNIC. *Liinc em Revista*, 11(1), 122-139.
- Marzullo, L. (2022). Fake news sobre 'kit gay' volta a circular a um mês e meio da eleição. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2022/08/fake-news-sobre-kit-gay-volta-a-circular-a-um-mes-e-meio-da-eleicao.ghtml>
- Minayo, M. C. de S. (Ed.). (2009). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (28a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, M. L. P. de, & Colpo, C. D. (2021). Comunicação organizacional e desinformação: uma reflexão sobre comunicação pública no Brasil durante a pandemia da covid-19. *Organicom*, 18(37), 49-61.
- Oxford Dictionary. (2016). Word of the year 2016. <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>.
- Paganotti, I. (2021). Engano, desconfiança e dramatização: contradições entre recomendações e práticas no combate à desinformação. *E-Compós*, 24.
- Pereira, C. (2022). É falso que beijo de meninas em escola na Paraíba foi promoção de 'Doutrina LGBT'. *UOL*. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/10/24/beijo-escola-paraiba-lgbt>
- Pozobon, R. O. de, & Kegler, B. (2020). Fake news, pós-verdade e os limites (ou desafios) da opinião pública na sociedade da plataforma. *Organicom*, 17(34), 48-57.
- Rivera-Vargas, P. (2018). *Sociedad Digital y Ciudadanía: un nuevo marco de análisis*. Barcelona.
- Rômany, I. (2023). Performance de “Jesus Cristo” em vídeo não ocorreu na parada do orgulho LGBTQ+ de SP. *UOL*. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/06/12/performance-de-jesus-cristo-em-video-nao-ocorreu-na-parada-do-orgulho-lgbt-de-sp>
- Silva, L. C., Pinto, V. B. & Pinho Neto, J. A. S. (2023). O impacto das fakes news na transfobia. In: *Anais XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, São Cristóvão, SE.
- Silva, L. C., Alves, E. C., & Brasileiro, F. S. (2022). Um estudo sobre a produção científica em gênero e sexualidade na ciência da informação através da análise de redes sociais. *Revista Conhecimento em Ação*, 7(1), 146-167.
- Silva, L. C. (2022). *A resiliência informacional no contexto da homofobia: o papel das práticas informacionais no espaço LGBTQ de João Pessoa-PB* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba).

Sousa, A. C. M. de, Oliveira, B. M. J. F. de, & Oliveira, T. O. de. (2020). As pseudomemórias em tempos de Covid-19. *Revista Fontes Documentais*, 3, 753-762.

Takahashi, T. (2000). *Sociedade da informação no Brasil: livro verde*. Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT).

Tobias, M. S., & Corrêa, E. C. D. (2019). O paradigma social da Ciência da Informação: o fenômeno da pós-verdade e as fake news nas mídias sociais. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, 24(3), 560-579.

Torres Vargas, G. A., & Fernandez Bájon, M. T. (Eds.). (2019). *Verdad y Falsidad de la información*. UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información.

Wardle, C., & Derakhshan, H. Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Europe: Council of Europe, 2017. <https://firstdraftnews.org:443/coe-report/>